

# O LUGAR DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Márcia Justino Rolim<sup>1</sup>

marciajus\_rolim@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo refere-se a discussões relacionadas às experiências docentes na iniciação ao estágio com relação à prática no ensino, formação de professores de história, suas experiências e vivências a iniciação a docência, relacionando como teoria e prática caminham juntas, problematizando assim quais os métodos que hoje proporcionam os acadêmicos juntamente com seus saberes concernente a didática no ensino atual, abarcando assim como experiências de iniciação ao estágio leva o discente no processo de abertura a prática docente na contemporaneidade, juntamente com os programas que abarcam ao ensino, tais como PIBID, entre outros. Como nos tornamos professores e o que nos concebe a tanta sabedoria a vida profissional e pessoal. Não somente na área de História mas a importância é perceber também como nos preparamos na academia nos cursos de licenciatura e o que fazemos do início ao término dos cursos percebendo as modificações ocorridas e a qual a nossa função depois de formados.

Palavras - chave: Professor - formação – Experiência

## INTRODUÇÃO

Falar do lugar na formação do professor de história requer levantar questões que não é de hoje os muitos problemas nesse processo. Digo isso porque viver a academia, passar quatro anos ou até mais em um ambiente de discursos, conteúdos, vivências inesquecíveis até, também merecem ter um desmembramento da ideia de um curso as vezes julgado sem mérito. Para fazer com que isso não aconteça precisamos ter esclarecimentos desde a

---

<sup>1</sup> Licenciatura em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Mestranda pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

entrada e a saída da universidade. O que realmente fazemos numa Licenciatura em História?

Os cursos de licenciatura em história só foram desprendidos dos demais nos anos 90. A nova ideia de constituir a disciplina e seu currículo levaram a muitas opções onde a maioria dos estudantes foram se adaptando a uma nova metodologia que ajudou para um salto no ensino de história. Desde os anos 1990, ou até mesmo antes existia a reflexão para envolver novas metodologias no ensino de história, novas demandas.

A partir da análise sobre algumas pesquisas em ensino, nos estágios supervisionados, é que levanto a problemática que é indiscutível falar de licenciatura sem falar do estágio. Pensando assim, é que vemos nos relatos de estagiários a nossa identificação com a docência, a prática de estar em sala e a perspectiva para ensinar.

A prática de ensinar não é nada fácil. Encarar um novo ambiente que ainda não foi lhe apresentado diferentemente do público anterior como apenas estágio observatório e o que se faz no início a docência é mergulhar na nova etapa, compartilhar os novos saberes, estes que levamos da teoria e que atribuem as nossas angústias que retomam na nova experiência. O estranhamento que é compartilhado do novo que nos deparamos leva-nos a enfrentar obstáculos, dificuldades e nem se fala da superação que pode antes vir a ser um momento muitas vezes traumatizante<sup>2</sup>. Para descobrir nossos caminhos na formação de sermos professores temos uma reflexão interessante,

Estar em formação implica um investimento pessoal, livre e criativo sobre os percursos e os projetos, com vista a construção de uma identidade pessoal, que é também uma identidade profissional. (...) a formação se constrói através de um trabalho de reflexibilidade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. (NOVOA, 1991, p.70)

---

<sup>2</sup> Traumatizar aqui é utilizado da forma em que nos processos de Licenciatura ou mesmo Bacharelados o Acadêmico em meio curso não se identifica com o que realmente quer para sua formação profissional e acaba por mudar de curso diversas vezes, não ter perspectiva no que está fazendo, etc. Acaba de certa forma “perdendo tempo”.

Também o próprio Jorn Rusen nos afirma que “formação significa o conjunto das competências de interpretação do mundo e de si, que articula o máximo de orientação do agir com o máximo de conhecimento” (p.95, 2007). Isso nos leva a refletir que somos nós que articulamos com nossas capacidades de como agir e interpretarmos nossos saberes, sejam eles acadêmicos, pessoais, profissionais, etc.

Como são muitas pontuações a serem refletidas vou determinar apenas algumas, porque se forem feitas muitas reflexões nem caberiam em apenas algumas linhas. A primeira delas é a iniciação à docência. Em pleno fim do curso em licenciatura nos deparamos com o primeiro contato do estágio, sem saber como lidar com isso. Assim, discutir sobre o tema experiências do estágio docente, relacionar a teoria e prática no ensino de história no processo de formação acadêmico e analisar como estão se constituindo a iniciação a docência é o foco principal neste trabalho.

## **METODOLOGIA**

Como trabalhar com esses objetivos devo apresentar o que alguns autores refletem sobre isso,

Há uma necessidade de repensar a formação para o magistério, levando em conta os saberes dos professores e as realidades específicas de seu trabalho cotidiano. Essa ideia de base das reformas que vêm sendo realizadas na formação dos professores em muitos países nos últimos dez anos. Ela expressa a vontade de encontrar, nos cursos de formação de professores, uma nova articulação e um novo equilíbrio entre os conhecimentos produzidos e pelas universidades a respeito do ensino e os saberes desenvolvidos nas suas práticas cotidianas. (TARDIF, 2008, p.23)

As receitas não existem como se fossem para fazer bolo, mas experiências sim e são essas que podemos ouvir e nos colocar a disposição de passar da mesma forma ou descobrir novas delas.

Um das formas mais atuais na Academia é a implantação do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência). Neste, alunos dos cursos de licenciatura aqui especificamente são levados a iniciar a

profissão como professores, são remunerados e conhecem de perto a realidade que será seu rumo profissional.

Disto temos sempre inquietações que nos cercam durante esse processo,

(...) ensinar não é uma profissão que se exerça algumas horas por semana: é uma forma de partilhar o saber, um modo de relação com os outros. Quanto a história, é um certo olhar sobre um mundo e um método de conhecimento. A prática do ensino da história não se isola. Há para um professor mil outras maneiras de aprender e de alargar a sua formação. (CHAUNU, 1987, p.319)

Consideremos que construir métodos para o ensino de história levam anos, tempo que só na experiência são superados com momentos difíceis, outros menos sobrecarregados e assim se constrói e se constitui a docência, o trabalho, a formação. Devido há muitos anos na docência vamo-nos adaptando a organizar nossas experiências de cada dia, cada aula, momentos que podem ser inesquecíveis ou aqueles que queremos deletar na memória para não nos preocuparmos com o presente. É como na vida pessoal, quando nos cabe gostar de determinada coisa fazemos o possível para não esquecer, assim é também na vida profissional.

O bom de ser professor é que estamos em construção, quem realmente almeja a profissão com contentamento não desiste da tarefa de ajudar o aluno, de ser seu guia.

## **CONCLUSÃO**

O que se espera para tantas formas de se pensar o lugar do estágio na formação de professores na atualidade é que se façam mais pesquisas sobre como andam tais processos, isso se torna importante quando vemos as próprias experiências sendo contadas, construídas desde o início a docência. O legado é onde começamos e onde estamos atuando na conjuntura de ser professor de História aqui especificamente.

## REFERÊNCIAS

CHAUNU, Pierre: Ensaios de ego- história. Lisboa, 1987, edições 70. Espaços de formação do professor de história/ Selva Guimarães Fonseca, Emesta Zamboni (orgs) – Campinas, SP: Papyrus, 2008. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

NÓVOA, Antonio. A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização escolar. Inovação, Lisboa, v.4, n.1, p.70, 1991,

RUSEN, Jorn. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico/Jorn Rusen; tradução de Estevão Rezende Martins. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 9 ; Ed, Petrópolis, RJ:Vozes, 2008.